**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG**

**DIRETORIA DE PESQUISA**

**DIVISÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**DIVISÃO DE INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO**

**PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM NÍVEL MÉDIO - 2022-2023**

**IMAGENS DE MULHERES BRUXAS E FEITICEIRAS E A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO**

Gabriel Rodrigues Angeli – (Fundação Araucária do Paraná)

Unespar/*Campus* Paranaguá

gabriel\_angeli@hotmail.com

Cristiane Pagoto (Orientadora)

Unespar/*Campus* Paranaguá

cris.pagoto@unespar.edu.br

Modalidade: Pesquisa

Programa Institucional: PIBIC

Grande Área do Conhecimento: Letras

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho de Iniciação Científica, desenvolvido no período de 2022-2023, tem como objetivo central uma investigação sobre a representação feminina, sobretudo de mulheres consideradas bruxas ou feiticeiras. Por meio de estudo e levantamento teórico realiza-se uma descrição histórica e social do modo como as mulheres foram e continuam sendo discriminadas por conta de um discurso ainda alicerçado em pensamentos e ideias patriarcais. A pesquisa procura, também, interligar a crítica feminista e o desenvolvimento do capitalismo, mostrando uma história feminina muitas vezes esquecida ou diminuída e que ao longo dos séculos elegeu a mulher emancipadora, libertadora e questionadora como perigosa, criando, assim, um imaginário da bruxa ligada ao feminino.

A pesquisa busca refletir e elucidar algumas questões sobre a mulher representada como bruxa ou feiticeira. Quem é ela? Quais os seus atributos? Qual a sua história e sua permanência na contemporaneidade? Tais perguntas nos levam a pensar na imagem da bruxa como pertencente a um imaginário e inscrita numa tradição mítica. Todas as sociedades, ao longo dos séculos, retrataram as suas bruxas, ora mantendo reverência e respeito a elas, ora descrevendo seus medos e receios. Tal percurso discursivo institui um imaginário sobre bruxas e feiticeiras. “Se a feiticeira e suas múltiplas representações aparecem daí por diante como um arquétipo de nossa cultura inscrita na literatura, na pintura, na ópera, é porque no início teve vida; e na qualidade de ser humano suspeito ou perseguido, pertence ao registro da palavra” (GABORIT; GUESDON; CAPORAL, 1997, p. 348).

Como palavra, pertencente a um discurso literário ou não, as mulheres consideradas perigosas, bruxas ou feiticeiras, fundaram uma tradição. Nos tempos pagãos, anteriores ao cristianismo, as bruxas eram consideradas agentes de harmonia. Eram mulheres, jovens e sexuadas, dotadas de poderes relativos à vida e à morte, concebidas como Deusas Mães. Mas com o domínio das sociedades patriarcais, estas mulheres vão pouco a pouco perdendo seu *status* positivo e recebendo outros atributos, dos quais a figura positiva, o corpo sexuado, equilibrado, vão pouco a pouco fragmentando-se e transformando-se em valores negativos sob a pressão dos homens e das religiões, e poucos são os textos que deixarão entrever esta idade de ouro do mito. Talvez o auge da representação negativa atribuída às bruxas tenha ocorrido durante séculos de domínio cristão e inquisidor. Muitas mulheres, apenas por serem jovens e belas, ruivas ou vivendo sozinhas, eram consideradas perigosas, noivas do diabo ou feiticeiras malignas, sendo que muitas vezes eram assim referidas por discursos masculinos. Mas não somente o discurso religioso e patriarcal construiu a imagem da bruxa como um ser perigoso e maligno, também foi fundamental a instauração do capitalismo e de sua ascensão, como aponta Silvia Federici (2017). Segundo a pesquisadora italiana, o sistema capitalista destitui a liberdade e o poder feminino sobre os seus corpos ao transformá-los em máquinas reprodutoras de trabalhadores e em corpos dóceis e obedientes, próprias para a consolidação da família burguesa.

De seres plenos de poderes, e reverenciadas por isso, passam a ocupar um lugar demoníaco. Mas qual o lugar da bruxa? Quais são as leituras que os contemporâneos podem fazer dessas mulheres? Qual a sua história e quais os seus valores? Esta pesquisa buscará delinear e refletir sobre algumas respostas, levando-se em conta que as bruxas atravessam, sobretudo, o discurso feminista. A pesquisa, portanto, visa compreender como a construção imaginária da mulher bruxa ou feiticeira revela aspectos móveis, ora positivos ora negativos, e que a permanência do mito se entrelaça a aos discursos patriarcais, religiosos e capitalistas, recriando e atualizando imagens ancestrais.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

O trabalho utilizou de pesquisa bibliográfica e de análise textual. Como aporte teórico, foram realizadas leituras e levantamentos de dados históricos e sociais, dos seguintes autores: Silvia Federici, Martha Robles e Lauro Machado Coelho,André Vauchez, Ítalo Mereu,Gioacchino Volpe, Ernest W. McDonnell, Carol Neel, Margaret L. King, Leopoldina Fortunati, David E. Underdown, Anthony Fletcher, John Stevenson, e Friedrich Engels.

O trabalho tem início com uma breve contextualização da conjuntura na qual as mulheres se encontravam ainda no início das reformas heréticas, contemplando sua saída da igreja católica e seu acolhimento por diversas seitas, nas quais obtiveram diversas liberdades e um tratamento igual ao dos homens, a seguir o presente artigo aborda a contra investida que a igreja aplicou sobre as seitas e principalmente nas próprias mulheres, retirando todas as suas liberdades individuais há pouco conquistadas e anulando quaisquer direitos que as mulheres tinham, afetando de sua vida financeira até mesmo o direito sobre seus próprios corpos. Passa-se então a discutir a demonização das liberdades femininas e das próprias mulheres, o que acarreta na criação de um imaginário voltado para a deturpação de práticas exercidas por mulheres durante séculos, como as parteiras e as curandeiras, juntamente com a criação de leis e novas formas de tortura para punir essas mulheres das mais variadas formas de crueldade. Em virtude dos dados apresentados, o trabalho agora debate ocorrências deste mesmo tema do imaginário feminino e a estigma a mulheres independentes, dentro de outras áreas, como literatura e música, começando pela análise de La Straniera, ópera em dois atos com música de de Vincenzo Bellini e libreto de Felice Romani, após isso será abordado o romance histórico da escritora Maryse Condé, "Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem", onde o Julgamento das bruxas de Salem é abordado de uma forma ficcional e mais subjetiva, focando em uma das mulheres julgadas, uma mulher negra, escravizada e com um conhecimento ancestral. Por fim, são feitas algumas considerações finais, onde todos os aspectos do tema serão retomados e chegarão a uma conclusão.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Apoiado na premissa de repensar o desenvolvimento capitalista a partir de uma perspectiva feminista, observando como a evolução desse mesmo sistema impactou na forma como mulheres eram vistas ao longo dos séculos, e assim, traçar paralelos comparativos com outras literaturas e expressões artísticas de diferentes períodos e localidades, este artigo tem seu foco principal nas leis sangrentas implementadas na Europa entre os séculos XVI e XVII, que acarretaram na intensificação da violência contra as mulheres, bem como as consequências das mesmas a longo prazo, além de buscar reflexos e/ou manifestações desses eventos em diferentes literaturas ao longo dos séculos. Para isto, deve-se deixar claro as condições sociais nas quais as mulheres e os hereges de forma geral eram vistos na Europa medieval e, mais tarde, no mundo inquisidor do século XVI e XVII.

Sabe-se, embora muito pouco, que as diversas seitas hereges europeias (valdenses, espirituais, apostólicos, cátaros etc.) surgiram ainda em meados do século XIII, florescendo por mais de 300 anos em diversos países da Europa, como França, Itália e Alemanha, e que incontestavelmente foram o maior movimento de oposição da idade média, o que pode ser comprovado pela ferocidade com a qual suas respectivas doutrinas foram combatidas pela igreja católica, que chegou a convocar cruzadas contra diversas seitas hereges, bem como o fizeram desde o século XI contra os "infiéis" que ocupavam a chamada Terra Santa. Mesmo com a queima em massa de hereges em fogueiras e numa tentativa de erradicar terminantemente a presença, os ideais e crenças destes mesmos, o próprio Papa Gregório IX, em 1233, criou o instrumento súpero da Igreja, a instituição mais perversa e sanguinária que toda a história da repressão estatal já conheceu: a Santa Inquisição. Inicialmente as perseguições se davam com incursões diretas a reuniões de hereges, que eram realizadas em colaboração com as autoridades públicas, porém com o passar do tempo, já quando cátaros e valdenses foram forçados à clandestinidade, eram convocados a comparecer ante um tribunal sem que as razões pelas quais a convocação ocorrerá fossem sequer reveladas. A inquisição ainda contava com um sistema de "delação premiada" onde os "réus" eram libertados em troca da delação de seus cúmplices hereges e se prometessem manter suas confissões em segredo além disso, posto que os acusadores podiam manter suas identidades em segredo, quando um herege era preso, nem o próprio e nem sua congregação teria como saber se alguém de seu próprio círculo o delatara. Não eram informadas aos investigados as acusações e os mesmos eram tratados como se a culpabilidade já houvesse sido demonstrada, e tudo era baseado em uma cultura torpe de suspeitas que girava em torno de denúncias anônimas e detenções preventivas (cf. MEREU,1979) Segundo André Vauchez (1975), um grande medievalista francês, o "sucesso" da Inquisição se deu justamente pelos seus procedimentos, que criaram cicatrizes indizíveis em nosso sistema legal, até nossos dias, justamente porque operavam sob uma institucionalização da suspeita.

É válido lembrar também que o movimento herético por sua vez proporcionou uma estrutura de natureza comunitária e porte internacional. Se levarmos em consideração que a grande maioria dos hereges era de trabalhadores e que foi por meio dessas seitas que foram denunciadas hierarquias sociais, a propriedade privada e a acumulação de riquezas, especialmente por parte do clero.

A heresia popular da época tinha muitas influências das religiões orientais que, trazidas a Europa por cavaleiros cruzados e mercadores, acabavam por ser majoritariamente um desvio da norma ortodoxa católica do que propriamente um movimento social protestante que tinha por meta uma sociedade mais democratizada, posto que se equivalia a "teologia da libertação", que seguia a crença de que Deus já não mais se utilizava do clero para dialogar com o seu rebanho, pois o próprio clero se corrompeu pela ganância e por diversos outros comportamentos escandalosos.

Sob a égide de um "Novo Testamento", os hereges sugeriram que o Cristo não tinha posses e apenas seguindo veementemente o caminho de Jesus a igreja poderia reaver seu poder espiritual, bem como o descarte de formas exteriores de adoração (templos, imagens, símbolos) e deixava claro que sacramentos feitos por padres pecaminosos não possuíam nenhuma legitimidade, o que colocava sobre todas as outras coisas a crença/fé interior, o que levou também a negação da existência do próprio purgatório, que durante séculos serviu a igreja como uma forma de lucro, pois foi com a ideia propagada da existência deste "pré paraíso" que muitos nobres pagavam por missas e indulgências, o próprio perdão pelos seus pecados.

**A CAÇA ÀS MULHERES**

Agora de volta a ótica da Santa Inquisição, porém agora mais voltada a suas consequências ao sexo feminino, serão expostas algumas considerações.

Há uma série de documentos que narram episódios no qual trabalhadoras de Flanders (Ypres) se voltaram contra os seus senhores, o que as levou a não só serem enforcadas como rebeldes, mas também queimadas pela Inquisição como hereges, enquanto em outro episódio, conforme destaca Volpe (1971) um grupo de tecelãs foram ameaçadas de excomunhão pela igreja simplesmente por não terem entregue suas encomendas dentro do prazo ou até mesmo por não o ter feito segundo as expectativas de seus contratantes.

Uma das principais questões a serem levantadas para um melhor entendimento é: Quem foram as mulheres designadas como bruxas ao longo da história? E para responder tal questão é importante retomarmos novamente a ótica do movimento herético, posto que um de seus mais significativos aspectos é a posição social elevada na qual as mulheres eram colocadas, enquanto que na igreja as mesmas eram menos do que nada. Para os hereges, durante a Idade Média, as mulheres eram iguais, com os mesmos direitos, principalmente entre as seitas dos valdenses, e tinham permissão para ministrar os sacramentos, para pregar a comunhão e até mesmo para batizar novos fiéis, o que significa que também havia a possibilidade de alcançarem posições no sacerdócio, o que justifica, sem nenhuma surpresa, porque as mulheres estiveram mais presentes na história da heresia que em qualquer outro aspecto ou área da Idade Média. Vale lembrar também que os cátaros (uma heresia medieval que se desenvolveu, principalmente, no sul da França e partes da Itália a partir do século XII.) adoravam uma figura feminina, denominada Senhora do Pensamento que, posteriormente, viria a influenciar a maneira com que Dante Alighieri, o grande poeta toscano, concebeu sua amada Beatriz Portinari.

A heresia também permitia que homens e mulheres dividissem moradias, já que não temiam que isso viesse a despertar pensamentos e/ou comportamentos promíscuos. Viviam livremente, coexistindo como irmãos e irmãs, o que mais tarde levou a mulheres criarem seus próprios grupos, como as beguinas, por exemplo, que eram laicas de classe média que mantinham seu trabalho longe do controle masculino e mantinham uma gigantesca distância da subordinação monástica, como afirmaram McDonnell (1954) e Neel (1989).

De fato, é possível afirmar categoricamente que a presença forte e imponente de mulheres em seitas hereges foi a razão para a ocorrência da "Revolução Sexual", embora alguns pesquisadores afirmem que alguns homens usassem da bandeira do "amor livre" para adquirirem favores sexuais com maior facilidade. Entretanto, é sabido que as mulheres tentavam com frequência sua capacidade de produtiva, pois vastas são as menções a contraceptivos e até mesmo ao aborto, práticas essas combatidas e punidas durante a caça às bruxas, acusando mulheres com o conhecimento desses métodos de contracepção de usarem "poções para a esterilidade" ou *maleficia*, no latim, o curioso é que, antes da inquisição, a igreja lograva indulgência a essa mesma prática, por questões econômicas é claro, posto que as mulheres podiam estabelecer um limite de gestações. O que nos leva a um trecho do *Decretum* do bispo de Worms quando questionado sobre este ritual de *maleficia*: "Fizeste o que algumas mulheres estão acostumadas a fazer quando fornicam e desejam matar suas crias, agir com suas maleficia e suas ervas para matar ou cortar o embrião ou, se ainda não o tiverem concebido, conspirar para que não o concebam?" (Burchardus Wormaciensis, 985)

A igreja, inclusive, perdoaria o "pecado" da contracepção estipulando que culpadas, por dez anos, cumprissem penitência. As autoridades eclesiásticas inclusive chegaram a fazer uma ressalva de que haveria, sim, diferença entre uma mulher que usou do maleficio motivada por severas dificuldades econômicas para aquelas que o fizeram para esconder um "crime de fornicação", ou seja, a igreja tinha, sim, uma visão quase empática para com as mulheres e seu direito de controlar suas gestações. O que mudou drasticamente quando este mesmo controle sobre a reprodução foi encarado como uma ameaça consideravelmente preocupante para a estabilidade econômica e social, como o que ocorreu anteriormente com a catástrofe demográfica causada pela peste negra, que destruiu mais de um terço da população europeia entre os anos de 1347 e 1352, assim como posteriormente esses aspectos sexuais foram grotescamente deturpados segundo formas que viriam a representar os sabás das bruxas, sendo que meados do século XIV, os inquisidores não se satisfaziam apenas em acusar os hereges de sodomia e "licenciosidade sexual", também os acusavam de cultuar animais (o que algumas seitas realmente o faziam) e de praticar o *bacium sub cauda*, isto é, beijo sob o rabo, além de serem acusadas de sacrificarem crianças, se lançarem em voos noturnos e realizarem rituais orgiásticos.

Fato é que, nesta mesma época, que os inquisidores relataram a existência de uma seita chamada de luciferianos, que adoravam diretamente ao diabo e foi justamente este processo que coincidiu com a transição da perseguição contra a heresia para a caça às bruxas e, por sua vez, a imagem do herege deixou de ser a de um homem protestante para a figura de uma mulher. A transição foi tão severa que, no início do século XIV, a bruxa se transformou na principal figura de perseguição à heresia, uma espécie de arquétipo do mal ou de tudo o que devia ser combatido. Tal pensamento, por sua vez, foi exacerbado pelo surgimento, desenvolvimento e ascensão do capitalismo que objetivou, primordialmente, um controle dos corpos femininos e de sua liberdade reprodutora, conforme será apresentado na sequência.

**O CAPITALISMO E O CONTROLE DOS CORPOS FEMININOS**

O desenvolvimento do capitalismo por meio da crise do poder feudal gerou consequências em todas as partes do mundo e em diversos povos, consistia basicamente de tornar o corpo um instrumento de trabalho, o que levou a sujeição das mulheres a serem tratadas como reprodutoras, tendo seu poder e influência destruídos.

Silvia Federici (2017), afirma que o sistema capitalista “demandou a transformação do corpo em uma máquina de trabalho e a sujeição das mulheres para a reprodução da força de trabalho” (p. 119), o que exigiu a destruição da liberdade e do poder femininos, e que foi realizado por meio da associação à feitiçaria e à sua eliminação através de perseguição, marginalização e morte nas fogueiras. Neste sentido, o acúmulo de capital não representou apenas uma divisão entre trabalhadores e capitalistas, foi também uma construção de hierarquia baseada no gênero e na divisão sexual do trabalho. E assim o capitalismo erigiu um novo modelo de corpos femininos: a esposa passiva, dócil, obediente e silenciosa.

Em menos de um século após a chegada de Colombo no continente Americano, o mundo ainda sofria com uma baixa densidade populacional, que só poderia ser revertida pelas mulheres, o que gerou a criação de diversas políticas de crescimento populacional, levando a igreja a abandonar a tradicional exaltação à castidade, exaltar o casamento, a sexualidade feminina, bem como as reformas vieram acompanhadas de ideologias que colocavam o trabalho no centro da vida de cada indivíduo, posto que naquela época a grandeza de uma cidade ou de um país não dependia do tamanho de suas muralhas, mas exclusivamente da quantidade de residentes que ali viviam. Seguindo essa mesma lógica, a cidade de Londres, que já era uma metrópole no século VIII e XV, quando ainda era denominada Londínio ou simplesmente Lunden, era assim citado por Shakespeare para o rei britânico Henry IV: "A força e a riqueza de um rei estão na quantidade e na opulência de seus cidadãos". (SHAKESPEARE, 1597, p. 179)

Na Inglaterra e na França, por exemplo, o Estado adotou leis pró-natalistas que justamente com a assistência pública formaram o embrião de uma política reprodutiva totalmente capitalista, na qual o casamento era bonificado e o celibato era punido, usando como base leis criadas e aplicadas pelo antigo Império Romano com o mesmo propósito, o aumento populacional e, foi a partir deste período, do auge do mercantilismo na segunda metade do século XIII, que a família foi colocada num patamar de instituição-chave, pois assegurava a transmissão de propriedade e produzia uma força de trabalho. Este foi o primeiro registro onde o Estado supervisiona a sexualidade e a procriação da vida familiar.

Entretanto, lembremo-nos do controle que as mulheres reivindicaram e ganharam sobre seus corpos graças a insurgência herética dos séculos passados, um direito adquirido a duras penas como este não seria facilmente retirado ou sequer negociável, o que levou a igreja a travar uma verdadeira guerra contra as mulheres por meio da caça às bruxas que demonizou de forma incisiva qualquer forma de controle de natalidade ou de qualquer ato sexual não pro criativo. Assim, a igreja passou a acusar mulheres que abortavam de sacrificar seus filhos para o demônio, o que anulou o tratamento que as mulheres mais pobres recebiam com indulgências. Neste período mercantilista, tais delitos eram considerados severos e eram punidos com pena de morte, sentenças muito mais duras do que qualquer outro crime masculino.

Como citada por Federici, segundo a historiadora Margaret King, em Nuremberg do século XVI, a pena para infanticídio materno era afogamento. Em 1580 a pena foi alterada para decapitação, o que, no mesmo dia, causou a morte de 3 mulheres que tiveram suas cabeças cortadas e pregadas para exposição. Nessa mesma época foram criados métodos de vigilância para assegurar que nenhuma mulher pensaria em se opor às normas da igreja. Na França, em 1556 foi publicado um decreto real que obrigava as mulheres a registrarem cada gravidez e punia-as se o bebê morria antes do batismo, não importando se eram culpadas ou inocentes da morte da criança. Na Inglaterra e Escócia haviam estatutos e verdadeiros órgãos de espionagem que cercava mães solteiras, impedindo-as de receber qualquer apoio, e até mesmo hospedar uma mãe solteira era ilegal e fazer amizade com uma era sujeito a uma grande crítica da opinião pública, não era uma atitude vista com bons olhos.

Conforme Silvia Federici (2017), entre os séculos XVI e XVII, mais mulheres foram executadas por infanticídio do que por qualquer outra acusação, exceto bruxaria, que também era centrada no assassinato de crianças. Tal fato gerou uma onda de insensatez, muitas suspeitas começaram a recair sobre as parteiras, o que levou a entrada de médicos homens nos ambientes de partos, uma prova do medo que as autoridades tinham do infanticídio, não confiando em qualquer mulher que ficasse sozinha com crianças, rotulando as parteiras de incompetentes e sujeitas a falhas médicas, empurrando-as para a marginalização, enquanto os médicos homens, seguindo a ideia de magos alquimistas renascentistas, eram vistos como "aqueles que realmente davam a vida". Isto repercutiu em outra prática muito adotada em seu tempo, a de priorizar a vida do feto sobre a vida da mãe, ou seja, enquanto tradições como mulheres se reunindo em volta da cama da nova mãe e parteiras conduzindo o parto foram combatidas e dizimadas, práticas como médicos conduzindo o procedimento e parteiras sendo colocadas sob vigilância aumentaram substancialmente.

Ao longo dos séculos XVI e XVII as mulheres foram completamente excluídas de todas as áreas da vida social, um longo e tortuoso processo de degradação social com a finalidade de tirar a autonomia das mulheres, desvalorizando sua força de trabalho, suas vozes, "domesticando-as". As constantes erosões nas leis que davam direitos às mulheres foram uma parte importante, foram ceifados os seus direitos a realizarem atividades econômicas, fazer contratos, representar a si mesmas em tribunais. Na Itália, os tribunais que atendiam denúncias contra abusos cometidos contra elas foram extintos, na Alemanha, mulheres viúvas tinham um "tutor" designado a elas para administrar sua vida financeira, além de proibirem que mulheres solteiras vivessem sozinhas ou com outras mulheres e, para as mulheres das classes mais baixas, não havia a possibilidade de viverem nem mesmo com suas próprias famílias, o que pode ser considerado um processo de infantilização legal. No caso dos países mediterrâneos, a mulher chegou a ser expulsa de diversos ambientes, principalmente das ruas, e sozinhas corriam o risco de serem ridicularizadas ou atacadas sexualmente. Já na Inglaterra, foram dissuadidas a sentar-se em frente a suas casas, de visitar seus pais com frequência depois do casamento e até mesmo de encontrar suas amigas. Naquela época a palavra *gossip* (fofoca) significava amiga, porém ganhou fortes conotações negativas.

**DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E A LITERATURA**

A reconfiguração das relações de gênero através da nova divisão sexual do trabalho pode ser observada no extenso discurso encontrado tanto na literatura acadêmica como popular sobre a natureza das virtudes e vícios femininos. Este discurso representa uma via primária para a redefinição ideológica das relações de gênero durante a transição para o capitalismo e é historicamente conhecido como *la querelle des femmes*. O interesse renovado nesta questão indica que as normas anteriores em torno do género estavam sendo desmanteladas e a sociedade estava a reconhecer a reconstrução de elementos básicos da política sexual. Este discurso pode ser dividido em duas tendências: a criação de novos padrões culturais que destacam as diferenças entre homens e mulheres através do estabelecimento de arquétipos mais femininos e masculinos (FORTUNATI, 1984).

Por outro lado, existia uma crença estabelecida de que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens. Esta percepção baseava-se na noção de que as mulheres eram excessivamente emocionais e sexualmente motivadas e não tinham capacidade para governar a si próprias. Como resultado, considerou-se necessário que as mulheres estivessem sujeitas à autoridade masculina.

A denúncia de mulheres acusadas de bruxaria foi um tema que transcendeu as fronteiras religiosas e intelectuais. Humanistas, reformadores protestantes e contra reformadores católicos trabalharam todos juntos numa campanha persistente e fanática para degradar as mulheres, utilizando sermões e obras escritas como suas principais ferramentas.

No passado, as mulheres eram frequentemente acusadas de serem irracionais, egocêntricas, imprudentes e desperdiçadoras de recursos. A voz feminina foi particularmente condenada e vista como uma ferramenta de desafio. A principal culpada era a esposa rebelde, que, junto com outros rótulos pejorativos como “faladora”, “feiticeira” e “prostituta”, era o foco principal de dramaturgos, autores populares e moralizadores. *The Taming of The Shrew* (A Megera Domada, 1593), de William Shakespeare, foi um manifesto de seu tempo, se observado pelo sentido de nosso debate, pois a celebração desenfreada por diversas peças de teatro e panfletos do castigo para a insubordinação feminina à autoridade patriarcal é muito presente.

De fato, a literatura inglesa dos reinados de Elizabeth I e James I utilizou desenfreadamente essa temática patriarcal de punição por insubordinação, pois se pode observar uma típica obra desse gênero, *Tis a Pity She's a Whore* (1633), de John Ford – Pena *que ela é uma prostituta*, na tradução – na qual, ao final da peça, três das quatro personagens femininas são assassinadas e executadas de forma doentia, uma espécie de "homicídio didático".

Há também outras obras que compartilham da mesma temática, como *Arraigment of Lewed, Idle, Forward*, *Inconstante Women* (1615), [A denúncia de mulheres indecentes, ociosas, descaradas e Inconstantes], de John Swetnam e *The Parliament of Women* (1646), O Parlamento das mulheres, na tradução, que é basicamente uma sátira contra as mulheres de classe média, que são retratadas de forma muito ocupadas, criando leis para conquistar a supremacia sobre seus maridos. Sem mencionar as diversas outras obras e panfletos em que mulheres são vistas como uma verdadeira ameaça para o sistema patriarcal, sendo representadas discutindo e brigando com vizinhos, mulheres solteiras que se recusam a se dedicar ao serviço doméstico, esposas que dominam seus maridos e batem neles, tudo isso sendo bem mais representado neste período do que no período anterior e no período posterior.

Nesse mesmo período, novas leis foram introduzidas, novas formas de tortura feitas especificamente para punir e controlar o comportamento de mulheres dentro e fora de casa, o que confirma, veementemente, as palavras de Federici (2017): o "vilipêndio literário" que as mulheres sofreram, bem como sua ligação com um projeto político que visava deixá-las sem autonomia nem poder social. Na Europa, na chamada "Era da Razão", focinheiras eram colocadas em mulheres que fossem acusadas de serem desbocadas, e assim, como cães, eram exibidas nas ruas. Prostitutas eram açoitadas ou enjauladas, sofrendo com simulações de afogamentos, enquanto a pena de morte era instaurada como punição para mulheres condenadas como adúlteras, como relata Undertown (1958, p.117).

Não é um exagero afirmar que as mulheres eram tratadas com a mesma hostilidade e distanciamento que eram concedidos aos "índios selvagens", conforme pode ser lido na literatura produzida após a Conquista das Américas, e essa semelhança não ocorre por acaso. Em ambos os cenários, a desvalorização literária e cultural tinha como objetivo apoiar um projeto de expropriação. Conforme muitos estudos na área, a demonização dos povos indígenas americanos foi utilizada para justificar sua escravidão e a exploração de seus recursos. Na Europa, a agressão direcionada às mulheres foi usada para justificar apropriação de seu trabalho pelos homens e a criminalização de seu controle sobre a reprodução. A resistência, nesse contexto, era frequentemente punida com extermínio. As estratégias empregadas contra as mulheres europeias e contra os sujeitos coloniais não teriam sido bem-sucedidas sem a sustentação de uma campanha de terror. No caso das mulheres europeias, foi a caça às bruxas que exerceu o papel principal na construção de sua nova função social e na degradação de sua identidade social.

A queda do matriarcado, como alude Engels em *A Origem da Família, da propriedade privada e do Estado* (1884), foi em decorrência da caça às bruxas, que provocou um desmoronamento social, econômico, cultural e político na vida das mulheres. A descrição das mulheres como seres diabólicos, demoníacos bem como as práticas humilhantes e desumanas as quais incontáveis mulheres foram submetidas deixaram marcas inextinguíveis na psique coletiva e em seu senso de possibilidades, destruindo assim todo um universo de práticas femininas e de relações coletivas que haviam sido basilares para o poder das mulheres na Europa pré-capitalista, bem como a condição para sua resistência na luta contra o feudalismo.

Foi a partir desta derrota que um novo modelo de feminilidade surgiu, o da mulher/esposa ideal: passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas, o que teve início no século XVII, depois das mulheres terem sofrido quase dois séculos de terrorismo estatal, embora na época de caça às bruxas as mulheres tenham sido retratadas como insubordinada, rebeldes, selvagens, insaciáveis e incapazes de autocontrole. No século XVII, o cânone foi revertido, pois a partir dessa reversão as mulheres passaram a ser retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, inclusive capazes de exercer uma influência positiva sobre eles.

A cruzada contra as mulheres deixou marcas profundas não só na história das sociedades, mas também em todas os campos das artes, o que pode ser observado ao analisar a ópera La Straniera, de Vincenzo Bellini, na qual o libreto, escrito por Felice Romani conta a história de Alaíde, uma mulher eremita que vive na fronteira do reino e, por seu estilo de vida, cercada de plantas, vivendo sozinha, é vista como bruxa, sendo amaldiçoada pelos aldeões e até mesmo perseguida por caçadores, a ela é creditada a "feitiçaria" que fez com que o conde Arturo de Ravenstal abandonasse seu casamento com Isoletta, filha de um nobre senhor, para perseguir Alaíde, perdidamente apaixonado pela moça. A ópera termina em uma tragédia, onde o compositor coloca a figura de Alaíde como uma pobre mulher, perseguida sem motivos, recebendo a alcunha de bruxa por despertar em Arturo sentimentos, enquanto faz de tudo para negar o que sente pelo jovem conde, como pode ser notado nos seguintes versos:

Arturo de Ravenstal: "Serba, serba i tuoi segreti / "Guarda, guarda os teus segredos..., mas é em vão proibir-me de te amar."

Alaíde: "Taci, taci, è l'amor mio / condannato sulla terra. Associarti non poss' io/ Al destin che mi fa guerra."/ “Calma, calma, meu amor está condenado nesta terra; não posso associá-lo a um destino que é tão hostil para comigo" (Felice Romani, 1829, p. 20/21)

Vê-se aí o conflito, pois enquanto Arturo está apaixonado por Alaíde, e está nutre profundos sentimentos por ele, a moça não pode de entregar, pois sabe que sofrerá com a perseguição dos aldeões e do pai de Isoletta.

Voltando agora para a perspectiva literária, a demonização e/ou estereotipação das mulheres foi tema de diversas obras ao longo dos séculos, ecoando desde peças teatrais do período elizabetano até os contos de fadas. Mais recentemente esse tema voltou a ser abordado, mas de uma forma diferente: sob a perspectiva de denúncia, a escritora guadalupense Maryse Condé em seu livro *Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem*, reconta de maneira ficcional a história real do julgamento das bruxas de Salem, pela perspectiva da única negra condenada, uma protagonista em diáspora que carrega consigo as marcas da escravidão e da resistência quilombola, dotada de um conhecimento ancestral, passado para ela por intermédio de Man Yaya, uma velha escrava que fugiu de seus opressores e vivia pacificamente na floresta, prestando ajuda como curandeira, após a morte de Yaya a protagonista sempre mantém contato, tendo por ela muito respeito e vendo uma espécie de guia para a vida.

Tituba era filha de uma escrava que foi estuprada por um marinheiro inglês, e anos mais tarde perdeu sua mãe quando a mesma tentou se defender de mais um abuso sexual. A criança cresceu com uma imagem de insurgência em sua mente, de se rebelar, de não se curvar a ninguém. Após a morte de sua mãe e de seu padrasto, Tituba foge e é criada por Man Yaya, que não só a ensina tudo o que sabe sobre curas e outros rituais, mas também corrobora para o espírito, a visão independente de Tituba, que herda a casa, os bens e os dons de Man Yaya após sua morte, e assim ela vive até se apaixonar por um jovem escravo, que a domina, a faz se distanciar dos seus guias espirituais, de sua solitude na floresta e a convence a se casar com ele, o que implica em seu batismo no cristianismo, por insistência da dona de seu esposo, o escravo John Indien. A pior consequência foi quando, por ocorrência da venda do casal para o pastor puritano Samuel Parris, uma figura real, que leva Tituba e seu marido para Boston e, posteriormente, para Salem, onde Samuel conduzirá o julgamento das bruxas. Tituba acaba por ser acusada de bruxaria e é presa, em sua cela ela tem contato com outras mulheres acusadas da mesma prática, inclusive mulheres grávidas, o que pode ser remetido a constante desumanização das pessoas escravidão e das mulheres acusadas de bruxaria.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em vista do que foi apresentado e debatido, fica claro que a estigma às mulheres data de muitos séculos atrás, e que foi pautada puramente por interesses políticos e econômicos, que acabaram por construir uma imagem engessada das mulheres de várias gerações a seguir, não só criando uma infâmia para certas práticas e atitudes para mulheres mas também imputando às mesmas tarefas e posturas não condizentes com valores contemporâneos, nem mesmo com suas próprias individualidades, como a imagem de "obediente", "recatada" e "do lar", mulheres que se calam e obedecem a seus maridos e a uma sociedade moldada para oprimi-las e silenciá-las. As manifestações abordadas na música e na literatura são provas concretas de que o terrorismo estatal sofrido pelas mulheres deixou marcas muito profundas em nossa sociedade, e servem também de aviso, como formas contundentes de alerta para que as novas gerações sejam capazes de compreender melhor os eventos passados e suas consequências, mas também para auxiliar uma reflexão sobre seu próprio tempo, na tentativa de buscar semelhanças e questiona-las.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ENGELS, Friederich. ([1870] 1977). The Peasant War

in Germany. Moscou: Progress Publishers. [v. port.: (1970).

As guerras camponesas na Alemanha. São Paulo: Grijalbo]

ENGELS, Friederich ([1884] 1942).  The Origin of the

Family, Private   Property, and   the   State.   Nova   Iorque:

International Publishers. [v. port.: (2000) A origem da família,

da propriedade privada e do Estado. Rio de Janeiro: Bertrand

Brasil, 15ª ed.]

FEDERICI, Silvia; FORTUNATI, Leopoldina (1984). Il Grande   Calibano.   Storia   del   corpo   sociale   ribelle   nella prima fase del capitale. Milão: Franco Angeli Editore.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa:* mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GABORIT, Lydia; GUESDON, Yveline; CAPORAL, Myriam. As feiticeiras. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlso Sussekind et. al. Rio de Janeiro, 1997, p. 348-360.

KING, Margaret L. (1991). Women of the Renaissance. Chicago: The University of Chicago Press. [v. port.: (1994). A Mulher do Renascimento. Lisboa Editorial Presença]

MEREU, Ítalo (1979).  Storia   dell’lntolleranza   in Europa. Milão: Mondadori.

MCDONNELL, Ernest W. (1954). The Beguines and Beghards in Medieval Culture, with Special Emphasis on the Belgian Scene. New Brunswi (NJ): Rutgers Universtity Press.

NEEL, Carol (1989).   “The   Origins   of   the   Beguines”. Signs journal of Women in Culture and Society, vol. 14, num. 2, invierno, p. 321­341.

UNDERDOWN, David   E.   (1985).  Revel, Riot   and Rebellion: Popular Politics and Culture in England. 1603­ 1660. Oxford: Clarendon Press.

UNDERDOWN, David E. (1985a). “The Taming of the Scold:   The   Enforcement   of   Patriarchal   Authority   in   Early

Modern England”. In: FLETCHER, Anthony; STEVENSON,

John (ed.)   (1985).  Order   and   Disorder   in   Early   Modern England. Cambridge: Cambridge University Press. p. 116-­136.

VAUCHEZ, André (1990). Ordini mendicanti e società italiana Xlll-XV secolo. Milão: Mondadori.

VOLPE, Gioacchino ([1922]   1971).  Movimenti Religiosi e Sette Radicali Nella Società Medievale Italiana. Secoli XI­XIV. Florença: Sansoni.

VOLPE, Gioacchino ([1926]   1975).  Il   Medioevo. Florença: Sansoni.